

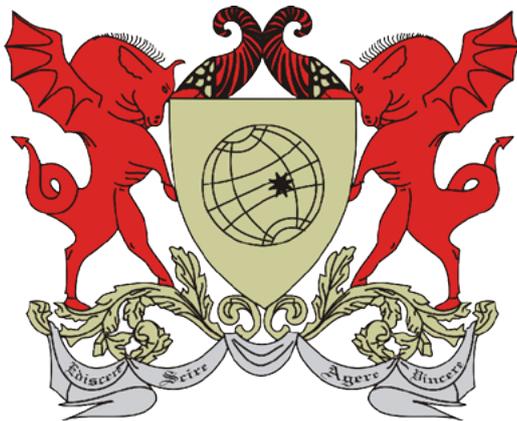
# PLANTAS ORNAMENTAIS E PAISAGISMO

ÂNGELA CRISTINA OLIVEIRA STRINGUETA

LÍVIA LOPES COELHO



cead



**Universidade Federal de Viçosa**

**Reitora**

Nilda de Fátima Ferreira Soares

**Vice-Reitor**

Demetrius David da Silva

**Comissão Editorial**

Andréia Patrícia Gomes

João Batista Mota

José Benedito Pinho

José Luis Braga

Tereza Angélica Bartolomeu



Coordenadoria de  
Educação Aberta e a Distância

**Diretor**

Frederico Vieira Passos

*Prédio CEE, Avenida PH Rolfs s/n  
Campus Universitário, 36570-000, Viçosa/MG  
Telefone: (31) 3899 2858 | Fax: (31) 3899 3352*

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

S918p  
2014

Stringheta, Ângela Cristina Oliveira, 1959-  
Plantas ornamentais e paisagismo : a história da arte dos jardins [recurso eletrônico] / Ângela Cristina de Oliveira Stringheta, Livia Lopes Coelho. – Viçosa, MG : Ed. UFV, 2014.  
6,29MB : il. color. ; ePUB. – (Conhecimento, ISSN 2179-1732 ; n.25)

Referências bibliográficas: p. 23-25

1. Jardins - História. 2. Plantas ornamentais. 3. Paisagens. 4. Jardinagem paisagística. I. Coelho, Livia Lopes, 1983 - . I. Universidade Federal de Viçosa. Reitoria. Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância. II. Título.

CDD 22. ed. 712.09

**Layout: Pedro Augusto**

**Editoração Eletrônica: Cibelih Hespanhol**

**Capa: Rodrigo Castro**

**Revisão Final: João Batista Mota**

# SUMÁRIO

<b>6</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>
<b>10</b>	<b>OS JARDINS DA ANTIGUIDADE</b>
<b>10</b>	<b>OS JARDINS DA MESOPOTÂMIA</b>
<b>11</b>	<b>JARDINS DO EGITO</b>
<b>12</b>	<b>JARDINS DA PÉRSIA</b>
<b>13</b>	<b>JARDINS DA GRÉCIA</b>
<b>16</b>	<b>JARDINS ROMANOS</b>
<b>20</b>	<b>JARDINS DA IDADE MÉDIA</b>
<b>23</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>

# Introdução

Desde os tempos mais remotos, o desenvolvimento da humanidade se reflete no mundo das artes. Artistas de diversas áreas representam em seus trabalhos o cotidiano e as crenças de uma sociedade em determinada época. Da mesma forma, a evolução histórica dos jardins demonstra o sentimento de cada civilização em relação à natureza, sempre em busca do suprimento de suas necessidades tanto diretas, como a produção de alimentos, quanto indiretas, mais voltadas para a estética, visando representar um lugar ideal e perfeito.

A palavra “jardim”, em inglês “garden”, tem origem na junção das expressões “Garth”, expressão nórdico-saxônica para proteger, defender, e “Eden”, derivada do sumérico “E.Din”, que significa prazer ou delícia.

Logo, pela etiologia da palavra, o jardim é por definição um lugar fechado e destinado ao deleite.

Segundo Demattê (1999), o jardim era a imagem de um mundo ideal, perfeito e privativo. Portanto, os grandes jardins da história são idealizações da paisagem, como cada civilização desejava que ela o fosse.

A arte da criação de jardins é marcada pelo sentimento e a atitude do homem em relação à natureza. Historicamente, a relação do homem com os jardins reflete o medo, o domínio e a paz.

O sentimento de medo da natureza provém da falta de conhecimento dos fenômenos naturais, mitos ou lendas originados por uma situação de insegurança. A reação do homem era a adoração, com cultos e sacrifícios, para aplacar tais forças quando destrutivas, ou atraí-las a seu favor quando benéficas.



**Figura 1:** Nakht e sua esposa venerando os deuses Osiris e Maat. A hierarquia social e religiosa traduz-se, na representação artística, na atribuição de diferentes tamanhos às diferentes personagens, consoante à sua importância. (Fonte: *The garden and landscape guide*)

Quando o homem, por meio da ciência, desvendou os mistérios e compreendeu o modo de funcionamento dos processos naturais, passou a controlá-los e produzi-los segundo a sua vontade. Esta atitude de domínio desenvolveu-se nos jardins como uma provocação à natureza e por meio da sua exaustão e esgotamento.



**Figura 2:** Jardim de Villandry (Fonte: Tours-TV.com)

Percebendo que não pode dominá-la, o homem aprende a lidar com a natureza, trocando a provocação e a agressão por uma relação pacífica, reconhecendo o potencial dos elementos naturais e sua responsabilidade na intervenção.



**Figura 3:** Jardim moderno (Fonte: Harault Paysagistes)

O primeiro jardim do qual se tem relato é o Jardim do Éden, citado no texto bíblico do livro do Gênesis:

“Ora, o Senhor Deus tinha plantado desde o princípio, um jardim no Éden, do lado do oriente, no qual pôs o homem que tinha formado. E o Senhor Deus tinha produzido da terra toda casta de árvores formosas à vista, e de frutos doces para comer, e a árvore da vida no meio do paraíso e a árvore da ciência do bem e do mal. Deste lugar de delícias saía um rio para regar o paraíso, e dividia-se em seguida em quatro braços. (...) O nome do terceiro rio é Tigre, que corre ao oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates.” (Gênesis. 2, 8-14).

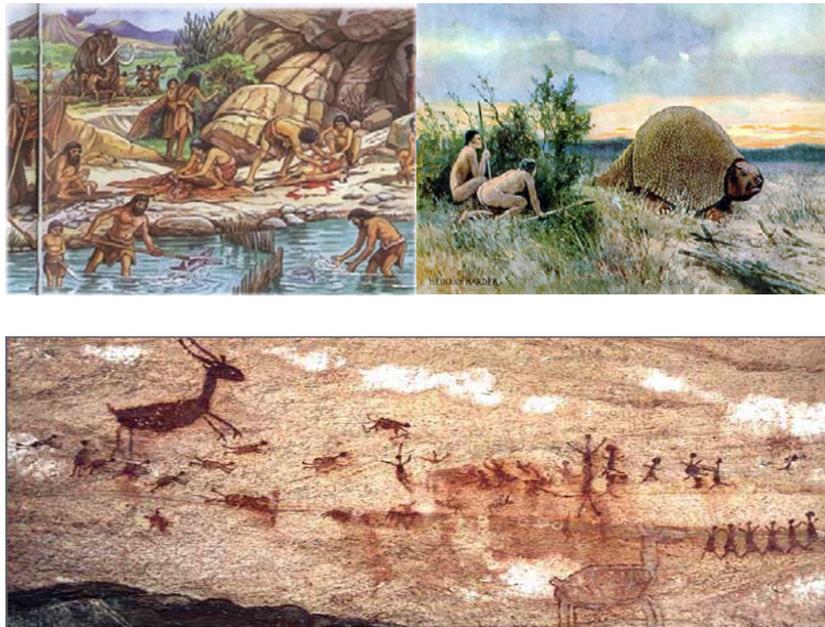


**Figura 4:** Representação do Jardim do Éden. Autor desconhecido. (Fonte: Textosagrado)

Conforme nos indica o texto bíblico, Deus, criador do mundo e da vida, construiu um lugar paradisíaco, que continha um jardim e um pomar, e o entregou ao homem. Segundo a tradição, o Jardim do Éden era um lugar perfeito, onde todas as necessidades eram supridas, e os alimentos podiam ser encontrados com abundância e facilidade. No entanto, a expulsão de Adão e Eva levou toda a humanidade a uma condição de sofrimento permanente pela perda do paraíso.

Restaram, então, a idealização de uma paisagem perdida e a busca incessante da reprodução deste lugar perfeito, refletida ao longo da história da criação de jardins.

Durante o período Paleolítico (500.000 – 18.000 a.C.), o homem vivia em pequenos grupos nômades, se alimentavam da caça, pesca e frutos e raízes que encontravam. Desta forma, quando acabavam os alimentos, eram obrigados a migrar para outra região.



**Figura 5:** Representação da vida no período paleolítico (Fontes: História de Tudo, Turma do Amanhã, Pré-história)

A passagem do período Paleolítico para o Neolítico (10.000 a 6.000 a.C.) foi bastante gradual, tendo levado cerca de 10.000 anos. Nessa fase, grandes alterações ocorreram, como o aquecimento da crosta terrestre, o aumento do nível dos mares e alterações climáticas. Resultantes deste processo, foram formados rios, desertos, florestas temperadas e tropicais. A vegetação foi modificada e os animais de grande porte desapareceram, dando origem à fauna que conhecemos.

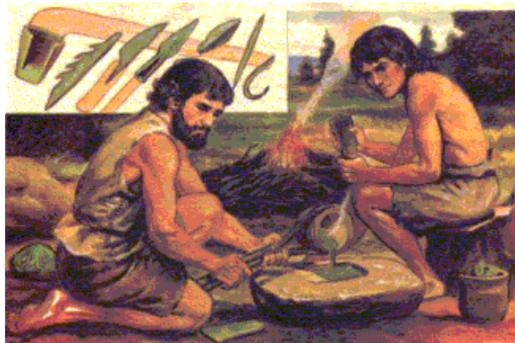
No período Neolítico, o homem aprendeu a reproduzir plantas, domesticar animais e estocar alimentos. Com isso, deixou de ser nômade e passou a ser sedentário, vivendo em clãs ou tribos maiores - que se desenvolveram às margens de rios de modo a usufruir da terra fértil e da água -, originando as primeiras aldeias.



**Figura 6:** Representação da vida no período neolítico (Fonte: Ateliê da História, Ancient Greek Thesaurus)

A manifestação de religião se baseava nos fenômenos da natureza, como fogo, raio, trovão, tempestades, ventos e chuvas, e nos astros. Também há evidências de culto à mulher, ao feminino e a associação deste à natureza, ao poder de dar a vida.

Durante a Idade dos Metais (5.000 – 4.000 a.C.), ocorreu o aparecimento da escrita, por volta de 3.500 a.C. Nessa época, com a descoberta do uso dos minérios, o homem começou a dominar a técnica da fundição. A agricultura tomou impulso com o desenvolvimento das técnicas de drenagem e irrigação.



**Figura 7:** Idade dos metais (Fonte: CED – UFSC)

Nesse período, o crescimento da população se acentuou em algumas regiões do planeta, preferencialmente às margens de rios e vales. As pequenas comunidades foram se desenvolvendo e as aldeias agrícolas deram lugar aos centros urbanos com vários melhoramentos. O surgimento de novas armas, mas poderosas, permitiu que algumas cidades-estados e pequenos reinos com poder centralizado dominassem outros pela guerra, formando assim os primeiros impérios com a presença de escravos, que deram origem às mais significativas civilizações da humanidade.

Ao final da Idade dos Metais, por volta de 4.000 a.C., com o aparecimento da escrita na Mesopotâmia e no Egito, dá-se a passagem da Pré-História para a História Antiga ou Antiguidade.

## Os jardins da Antiguidade

### Jardins da Mesopotâmia

“No começo Deus criou um jardim. Éden era o seu nome. Segundo a tradição, ele se situava na Mesopotâmia, provavelmente ao Norte, e possuía um pomar e outras plantas que desenvolviam sem irrigação. Antes da sua queda, o Éden era um lugar de paz e prazer, de fecundidade e de fragrâncias, com os encantamentos da música, do riso e da alegria. Depois dos primeiros reinados assírios, tornou-se um lugar recreativo, um paraíso mítico.” (Gabriella Van Zuylen).

A Mesopotâmia dos tempos antigos, região do atual Iraque, é o berço de toda civilização existente, que se desenvolveu nas terras férteis entre os Rios Tigre e Eufrates. Nessa região árida e seca, sombra e água são fundamentais, então, os primeiros jardins incluíam canais de irrigação, tanques e árvores.

Há mais de 4.000 anos, os reis da Mesopotâmia possuíam seus jardins reais, que ocupavam enormes áreas. Eram parques de caça rodeados por árvores e ornamentados por plantas aromáticas, onde também aconteciam banquetes e cerimônias. O traçado e as plantas utilizadas tinham base agrícola. Dentre as plantas mais utilizadas, destacavam-se as coníferas, os ciprestes, os plátanos, os salgueiros, as murtas, os louros e as essências aromáticas do Norte da Síria, assim como árvores frutíferas, condimentos, e ervas aromáticas, para alimentação e rituais.

Nos jardins dos templos se plantavam frutas e legumes para se oferecer aos deuses, além de servirem como alimento aos serviçais. Esses jardins eram plantados sobre os terraços dos zigurates, construções onde aconteciam celebrações e rituais sagrados.

Para tornar possível o cultivo de hortas e pomares nessa região, os mesopotâmios desenvolveram técnicas de irrigação e drenagem. Graças aos trabalhos de manutenção e irrigação, esses povos foram capazes de aclimatar várias espécies, principalmente palmeiras.

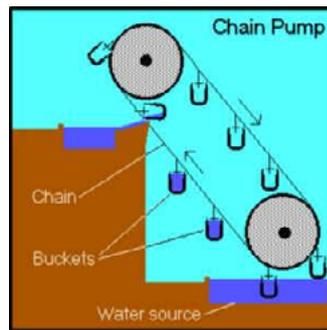
Pouco a pouco, à medida que o império se expandia, os jardins ganhavam maior importância, se tornando o símbolo e a imagem da conquista, formando grandes parques de aclimação e jardins botânicos.

Durante o império babilônico, o rei Nabucodonosor II mandou erguer uma das sete maravilhas do mundo antigo, os Jardins Suspensos da Babilônia, dedicados à sua esposa, Rainha Semíramis, que, sendo de origem persa, se ressentia da falta da paisagem montanhosa e das plantas de sua terra natal. Na tentativa de amenizar o sentimento da rainha, os Jardins Suspensos representavam uma montanha, sendo constituídos de uma série de terraços artificiais sobrepostos, feitos de tijolos, apoiados em colunas de 25 a 100 m de altura e com escadarias que ligavam um pavimento ao outro. Assim, eles formavam verdadeiros patamares onde eram plantadas diversas espécies de árvores e outras plantas de menor porte.



**Figura 8:** Representação dos Jardins Suspensos da Babilônia (Fonte: Site de curiosidades)

No eixo dos dois terraços superiores, havia uma grande escada entre duas séries de planos levemente inclinados, onde corria a água da irrigação. Nesses terraços eram plantadas árvores, palmeiras e flores aromáticas, mantidas úmidas graças a um sistema de irrigação constituído por baldes amarrados em cordas que coletavam água do rio Eufrates e conduziam até o topo do Jardim, onde era despejada e distribuída entre os vasos de plantação, e por infiltração irrigava os terraços inferiores. O excesso era drenado dentro de um sistema complexo de canais subterrâneos. Eram impermeabilizados por camadas de junco, betume e chumbo, para evitar as infiltrações da rega. Todo o trabalho de irrigação era feito manualmente pelos escravos, que movimentavam as engrenagens para capturar a água do rio Eufrates para a irrigação.



**Figura 9:** Representação dos Jardins Suspensos da Babilônia e do sistema de irrigação  
(Fonte: Portal São Francisco)

As espécies mais utilizadas eram figueiras, amendoeiras, ciprestes, carvalhos, salgueiros, buxos, cedros, marmelo, plátano, ébano, freixo, zimbro, videira, romã, pereira, macieira, tamareiras, lótus, jasmim, íris, margaridas, lírios, rosas, papoulas, malva-rosa, tulipas, palmeiras, álamos e pinos, plantas que não suportariam viver num clima tão árido e quente, mas só foi possível devido ao complexo sistema de irrigação desenvolvido.

Com a decadência do império, a Babilônia provocou o afastamento da Mesopotâmia da cultura ocidental, o que fez com que os Jardins Suspensos da Babilônia se tornassem uma lenda.

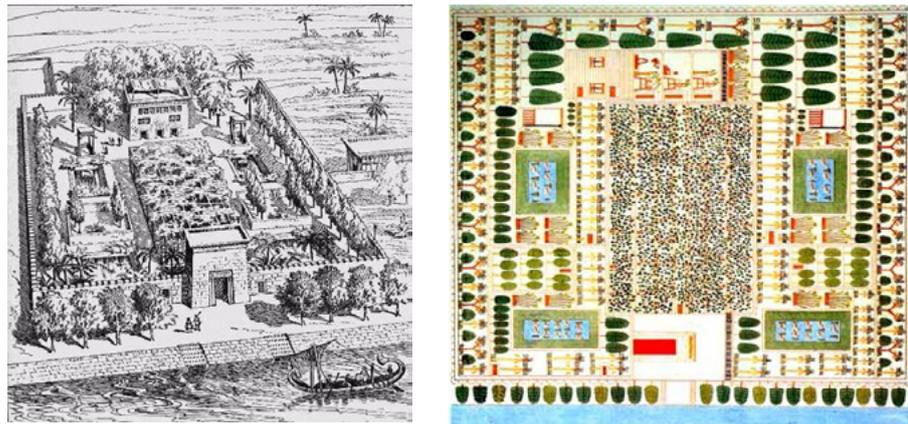
### Jardins do Egito

Responsáveis pelo desenvolvimento de uma das primeiras grandes civilizações da humanidade, os egípcios possuíam uma organização social complexa e muito rica culturalmente. As relações sociais e políticas eram regidas pela religião, que dominava toda a vida egípcia, interpretando o universo e orientando, inclusive, a sua produção artística.

As representações artísticas do Egito eram repletas de significados que ajudavam a caracterizar figuras, a estabelecer níveis hierárquicos, no quais a harmonia e o equilíbrio deviam ser mantidos. Qualquer perturbação nesse sistema era considerada um distúrbio. Assim, para atingir a harmonia, eram utilizadas linhas simples, formas estilizadas, níveis retilíneos de estruturação do espaço que transmitem limpidez e significados próprios.

O Egito antigo, 3.200 a.C. a 32 a.C., era governado pelo faraó, monarca absoluto e adorado como um deus. A civilização egípcia era naturalmente protegida contra invasões, de um lado pelo deserto do Saara, e de outro pelo Rio Nilo, que foi extremamente fundamental para o desenvolvimento da região. Além de proporcionar a atividade pesqueira e água para consumo, o rio era utilizado como via de transporte de embarcações de mercadorias e pessoas. Além disso, na época das cheias, fertilizava suas margens, favorecendo a agricultura.

Os jardins do antigo Egito são os mais antigos relatos de que temos conhecimento. Datados de cerca de 2.000 a.C., os jardins ganharam espaço nas casas mais abastadas, a fim de proporcionar frescor e beleza. De maneira geral, eram construídos nas proximidades do rio, acompanhando sua topografia, com critério de plantio que seguia as tradições agrícolas da planície do Nilo. A água era conduzida para os jardins por meio de canais artificiais, que alimentavam tanques retangulares - onde criavam peixes e plantas aquáticas -, e serviam como atrativo e refúgio de algumas espécies de aves, como pombos, flamingos, íbis e gansos.



**Figura 10:** Representação de uma casa egípcia com jardim (Fontes: *Ancient Egyptian Garden and Living e Gardenvisit.com*)

Seguindo o modelo de arquitetura, os jardins apresentavam simetria rigorosa, com traçado caracterizado por linhas retas e formas geométricas, com orientação segundo os pontos cardeais, expressando a importância da matemática e da astrologia.

Com a finalidade de sombreamento e aproximação do visitante com a natureza, havia pavilhões, com torres dentadas, em formas maciças, espalhados pelo jardim. Outro aspecto funcional dos jardins era a produção de produtos destinados ao consumo, como vinho, frutas, legumes, papiros e mel. Os jardins eram cercados por muros e ladeados por árvores frutíferas, tinham formato quadrado ou retangular, cortados por aleias floridas e sombreados por caramanchões que sustentavam videiras.

Como a religião egípcia era politeísta e os templos eram casas dos deuses, os jardins foram construídos nos mesmos princípios das casas, com avenidas que conduziam até a entrada, alinhadas com árvores, pátios, pequenos canteiros e hortas, vinhas, flores e tanques com água. No entanto, por serem sagrados, nesses jardins eram cultivadas plantas especiais, consideradas sagradas para certas divindades e que eram necessárias para uso em rituais e oferendas, como a alface para o deus Min. Próximo aos templos havia bosques sagrados, com árvores ornamentais.

Os egípcios acreditavam que a vida após a morte era definida pelo deus Osiris, assim, quanto mais bens oferecessem a esse deus, mais benefícios teriam na vida após a morte. Por esse motivo, as tumbas dos faraós tinham salas para guardar seus tesouros, que incluíam todo tipo de bens que pudessem usar na outra vida, desde joias e pedras preciosas até escravos e plantas. Assim surgiram os jardins fúnebres, que eram construídos nas tumbas para agradar às divindades.

As espécies arbóreas e arbustivas eram cultivadas, principalmente, para sombreamento. Dentre elas, destacavam-se os sicômoros, as figueiras, as oliveiras, as nogueiras, a romãzeira, o álamo, as acácias, os salgueiros, a murta e algumas espécies de palmeiras, principalmente a tamareira. Feijão, lentilha,

alface, cebola, alho-porró, melões, abóboras e uvas eram cultivados para o consumo. As flores eram muito usadas nos enfeites de festivais religiosos e seculares ou com finalidade medicinal. As plantas ornamentais mais cultivadas eram papiro, lótus, íris, lírio, louros, jasmim, celosia, narciso, crisântemos, delphinium, escovinha, espirradeira, papoula, rosas, margaridas, hera, hena, manjerona, mandrágoras, trevos e lírio d'água.

### Jardins da Pérsia

A planície da Pérsia, atual Irã, foi um grande império expansionista, que conquistou a Babilônia e os povos da Mesopotâmia, abrangeu os mares Cáspio e Negro, o Cáucaso, grande parte do Mediterrâneo oriental, os desertos da África e da Arábia, o golfo Pérsico e a Índia.

Apesar de sua importância no mundo antigo, os persas não desenvolveram monumentos artísticos originais. Pelo fato de ter dominado diferentes civilizações, os persas mais sofreram influências do que influenciaram. Essa característica garantiu o sucesso do império persa, que não proibia a expressão cultural dos povos dominados, mas adotou suas tecnologias de engenharia e arte.

Do mesmo modo, os jardins persas estavam condicionados às influências de outros povos e continham, em sua composição, elementos retirados dos jardins mesopotâmios, egípcios e gregos.

Todavia, a forma de vida na sociedade influencia a produção artística sob muitos aspectos, e os jardins persas apresentavam algumas características diferentes daqueles que serviram como inspiração. A vida requintada e sensual dos persas destacou-os como grandes apreciadores de perfumes raros, levando-os a introduzir nos jardins árvores e flores aromáticas. O cultivo de espécies floríferas criou um conceito novo na arte de construir jardins: a vegetação deixou de ser empregada com finalidade utilitária, passando a ser mais estimada pelo valor decorativo proporcionado pelo colorido das inflorescências perfumadas.

Construídos próximos aos palácios, os jardins persas enalteciam o luxo e a soberba dos reis, que tinham tanta estima pela criação dos jardins, que queriam ser conhecidos como jardineiros. Tal apreço pela arte dos jardins caracterizou-os pela tentativa de representação do paraíso por meio da harmonia de plantações e espaçamento de árvores em traçado formal, regados por canais e fontes elaboradas. Havia pontos de tiro para caçadores, pavilhões e abundância de plantas perfumadas, sendo cercados por muros de tijolos. A presença de animais em liberdade e dos bosques com árvores frutíferas acentuavam ainda mais o sentido do jardim-paraíso.

Os eixos retilíneos que se cortavam em cruz, dividindo o jardim em quatro zonas, representavam as quatro moradas do universo: água, ar, fogo e terra. No centro, a fonte revestida com cerâmica azul (azulejo) acentuava o frescor da água, enquanto seu reflexo representava a Terra abraçando o céu. Além disso, os quatro canais representam os quatro rios do Éden e as quatro bebidas bíblicas da antiguidade: água, vinho, leite e mel. Não havia estátuas, pois a religião não permitia a representação de formas humanas.

A religião persa tinha como essência a luta entre o bem e o mal. Ao imperador, adorado como a um deus, era atribuído o poder de espalhar a fecundidade por onde pisasse. Graças a essa crença é que se têm informações sobre os jardins da época. Durante as épocas quentes, o rei passeava pelos jardins. Porém, nas épocas frias, os jardins eram representados em miniaturas, em peças de cerâmica e nos tapetes, e enviados ao palácio para que o rei caminhasse sobre eles e para que se tornassem fecundos na primavera.



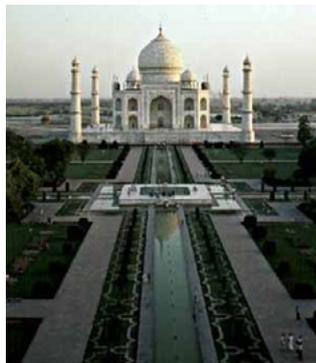
**Figura 11:** Representação do jardim persa em tapete e cerimônia no jardim (Fontes: FJ Hakimian e Bob McKerrow)

As plantas que compunham a paisagem dos jardins persas eram: plátanos, ciprestes, pinus, álamos, amendoeiras, murtas, palmeiras, laranjeiras, roseiras, jasmims, narcisos, jacintos, açucenas, lírios, primulas e tulipas.

- Paraíso de Cyrus (Persépolis)

Persépolis foi a capital persa construída por Ciro, localizada em Sardes, que abrigava dois palácios rodeados por um parque majestoso e vastos jardins. Foi a primeira representação do jardim do paraíso, sendo fechado entre 4 muros. Os jardins tinham 915 metros de canais de pedra cortada e polida, com pequenas bacias d'água a cada 15 metros. Tinha uma vasta plantação de árvores de grande porte, alinhadas em uma disciplina rigorosa, e vasto gramado irrigado. Ao lado do alinhamento de árvores, havia a presença de frutíferas e plantas aromáticas.

- Taj Mahal (Índia)



**Figura 12:** Taj Mahal – exemplo de jardim com traçado em estilo Persa (Fonte: Architecture Student Chronicles)

## Jardins da Grécia

A cultura ocidental tem suas raízes na civilização desenvolvida na Grécia. Situada na porção sul da Península Balcânica, o território da Grécia continental caracteriza-se pelo seu relevo montanhoso, solo rochoso e clima quente e seco. Tais condições, adversas à agricultura, também não favoreciam a prática da jardinagem de forma organizada.

Após a expansão para o Oriente, as manifestações artísticas foram inspiradas pela cultura mesopotâmica e, posteriormente, ocorreu a definição dos fundamentos estéticos e formais que caracterizaram as produções artísticas gregas.

A sociedade, incluindo as mulheres, era composta de pessoas alfabetizadas,

voltadas à filosofia antropológica, com espírito ponderado, racional e intelectual, características que inspiraram o estilo grego: por um lado, representava o homem e a dimensão humana e, por outro, a tendência para o idealismo traduzido na adoção de regras fixas análogas às leis da natureza, que definiam sistemas de proporções e de relações formais para todas as produções artísticas.

No interior dos templos, eram colocadas estátuas de deuses. A arquitetura consistia de projetos simples, com linhas retas e formas retangulares, geralmente sobre uma base de três degraus, sem arcos nem abóbodas, e colunas presas por travas, o que limitava a distância entre as colunas.

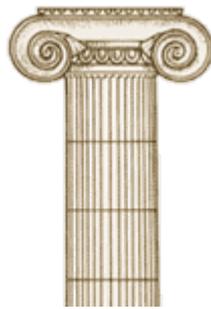
Os gregos desenvolveram três sistemas arquitetônicos, chamados ordens, cada qual com proporções distintas e detalhes próprios, representados nas colunas utilizadas em cada região da Grécia.

A ordem dórica era a mais simples e bastante resistente. Este estilo foi utilizado na Grécia continental e nas colônias ao sul da Itália e Sicília. A ordem jônica, mais fina e elegante, tinha um capitel decorado por duas volutas. Este estilo foi encontrado no leste da Grécia e nas ilhas. A ordem coríntia, que surgiu somente na época clássica, era ainda mais esbelta e ornamentada, sendo famosa pelo seu alto capitel em forma de sino invertido, decorado com folhas de acanto. Este estilo foi raramente usado no mundo grego, mas muitas vezes vistos em templos romanos.



Dórico

(Fonte: Ancient Greece < <http://www.ancientgreece.com/s/Art/> >)



Jônico



Coríntio

A principal característica das artes gregas consistia em seu caráter essencialmente público. Dentre as grandes e importantes invenções da arquitetura grega, destaca-se o anfiteatro, geralmente construído na encosta de uma colina, aproveitando as características do terreno íngreme para ajustar as bancadas semicirculares. No centro do teatro ficava a orquestra, e ao fundo a cena, que funcionava como cenário fixo.

Também inventaram os ginásios, locais de reuniões dos filósofos, que eram interligados por passeios, às vezes, cobertos por pérgolas revestidas com trepadeiras para sombreamento. As árvores eram plantadas próximas aos mercados e locais de reunião, marcando, assim, o início da arborização urbana.

Apesar da rigidez e simetria das construções, os jardins gregos fugiam das linhas simétricas, se aproximando das formas naturais. Não admitiam a busca do prazer e da estética em torno dos objetos da natureza, que simbolizava o irracional e o indefinido.



**Figura 13:** Jardim da Ágora de Atenas (Fonte: <http://www.fflch.usp.br>)

Nos jardins gregos, cultivavam-se legumes, trigo e frutas, como pera, romã, figo, uva e azeitona, para consumo da população. As flores, que pareciam surgir espontaneamente, eram destinadas aos deuses. Dentre as ornamentais, as mais comuns eram as rosas, íris, cravos, lírios e bulbosas floridas.

Até a época clássica, desenvolveram o conceito de Bosques Sagrados: cultivados próximo aos templos, deveriam ser um lugar natural, abençoado e dedicado aos deuses, com vegetação virgem e livre da intervenção humana.

- Jardim de Epicuro

Local onde estudiosos podiam se dedicar à filosofia, cuja função principal é libertar o homem para uma vida melhor. Tinha como premissa que o sumo bem reside no prazer do sábio, entendido como a inquietude da mente e domínio sobre as emoções e, portanto, sobre si mesmo. É o prazer da justa medida e não dos excessos. É a própria natureza que nos informa que o prazer é um bem e conduz-nos a uma vida simples.

Nesses jardins, eram cultivados pomares e legumes para consumo; já as flores, destinadas aos deuses, não eram organizadas em canteiros, mas misturadas às demais plantas como se fossem espontâneas.

- Jardins do helenismo

Os jardins descritos nas obras literárias Odisseia e Ilíada são criações do poeta Homero. Conforme as descrições mitológicas, o mais famoso do helenismo foi o Jardim das Hespérides, que era guardado por ninfas e produzia pomos de ouro.

## Jardins Romanos

Descobertas arqueológicas indicam que Roma já era habitada em 1.400 a.C., porém, tradicionalmente, sua fundação é datada do ano de 753 a.C. Naquela época, já existiam várias cidades-estados gregas estabelecidas na costa da Península Itálica e que serviram como modelo para o desenvolvimento de Roma. A influência grega dessas cidades era tão forte que os romanos afirmavam ser descendentes dos heróis da Guerra de Tróia.

Segundo a lenda sobre sua fundação, o príncipe troiano Eneias, filho de Vênus (deusa do amor e da beleza), havia escapado da morte em seu país e chegou à região do Lácio, onde se casou com a filha de um rei. Seus descendentes, os gêmeos Rômulo e Remo, filhos da rainha da cidade de Alba Longa com Marte (o deus da guerra), foram jogados no rio Tibre pelo tio Amúlio, o rei da cidade. Os gêmeos foram então salvos por uma loba, que os amamentou. A lenda conta ainda que, quando adultos, os dois irmãos voltaram a Alba Longa, depuseram Amúlio e, em seguida, fundaram Roma. Por disputa sobre quem governaria a cidade, Rômulo matou Remo e deu seu nome à cidade e se proclamou o primeiro

rei de Roma.

Antes de o cristianismo virar a religião oficial do império, os romanos eram politeístas, sendo a grande parte dos seus deuses semelhantes aos dos gregos, porém, com nomes diferentes. No princípio, as divindades eram cultuadas nos lares e, com a consolidação do Estado, os deuses passaram a ser cultuados publicamente nos templos, com sacerdotes presidindo as cerimônias.

A sociedade romana era formada por patrícios, plebeus e escravos. Os patrícios, membros das famílias mais antigas da cidade, eram os nobres proprietários de terras e faziam parte do conselho que limitava o poder do rei. Os plebeus eram comerciantes, artesãos e pequenos proprietários.

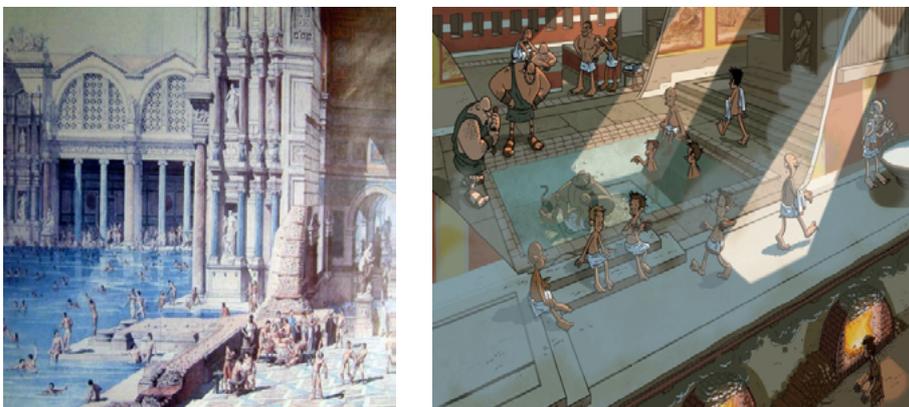
Como eram frequentes as disputas entre patrícios e plebeus por melhores condições, alimentos e terra, era imprescindível a conquista de novos territórios e riquezas para o crescimento de Roma. Para isso, formaram um exército forte que conquistou primeiramente toda a Península Itálica, depois a Grécia, a Gália e a cidade de Cartago, comandando assim todo o mar Mediterrâneo.

Graças às conquistas de seu exército, Roma passou de uma simples cidade para um verdadeiro império, com fronteiras da Inglaterra ao Saara e do Atlântico ao rio Eufrates.

Mesmo tendo anexado muitos territórios e conquistado muitas riquezas, os conflitos entre os patrícios e os plebeus ainda eram constantes, havendo a necessidade da criação de opções de entretenimento para distrair a população. Então, foram construídos os hipódromos, os anfiteatros e os banhos públicos.

Nos hipódromos, aconteciam corridas de bigas, e nos anfiteatros, ocorriam batalhas navais e combates entre gladiadores e feras selvagens.

Os banhos públicos eram espaços com piscinas aquecidas por um sistema subterrâneo de caldeiras, onde os patrícios relaxavam e mantinham contatos sociais.



**Figura 14:** Termas aquecidas por caldeiras (Fonte: The Archeology)

Para possibilitar a construção das piscinas, das batalhas navais e do fornecimento de água corrente para consumo da população, os romanos edificaram imensos aquedutos, que levavam água limpa de nascentes e fontes até as cidades. Também desenvolveram complexos sistemas de esgoto para dar vazão à água e aos dejetos das casas.

Sendo a arquitetura a arte prática por excelência do Império Romano, construíram muitas obras importantes, como pontes, viadutos, estradas, arcos e colunas triunfais. Desenvolveram ainda as técnicas do arco pleno ou de meia circunferência, que permitiam a construção de abóbodas e cúpulas.

Os arquitetos romanos desenvolveram novas concepções de espaço, solucionando problemas de ventilação, iluminação e circulação. Utilizaram largamente pedras e tijolos bem cozidos, para edificar, e argamassas e mármore nos revestimentos.

O nascimento da arte dos jardins na civilização romana está associado ao fato de os romanos, mesmo após tantas conquistas, jamais se esquecerem de suas origens familiares. Após vencerem suas batalhas, eram para esses lugares que os generais retornavam. Como a vida política os obrigava a permanecer nas áreas urbanas, os nobres começaram a adquirir suas casas de veraneio nos arredores de Roma, que se desenvolveram em regiões privilegiadas da cidade. Nessas vilas, exuberantemente ornamentadas, surgiram os Jardins dos Prazeres.

A casa romana seguia o modelo grego. Construída no nível da rua, tinham as habitações voltadas para dentro com um pátio interno rodeado por colunas adornadas por algumas espécies de trepadeiras ornamentais. Na parte externa, os jardins eram grandiosos, geralmente em terrenos de nível irregular e, por isso, feitos em terraços.



**Figura 15:** Réplica de jardim interno romano e jardim em terraço (Fontes: Museo della Cività Romana)

O jardim romano é uma mistura da criatividade dos romanos com a arte grega, ressaltada pela grande quantidade de estátuas que, saqueadas dos templos da Grécia, foram incorporadas aos jardins. O mesmo aconteceu com os vasos de cerâmica egípcios, que naquele país eram utilizados para armazenamento de bens, sendo incorporados aos jardins pelos romanos.

Obra de arquitetos, os jardins eram metódicos e organizados, e estavam, portanto, subordinados à arquitetura. Eles completavam a casa romana com passeios e pórticos dispostos em todas as orientações e eram considerados santuários sociais onde desfrutavam da proteção frente às moléstias do sol, vento, poeira e ruídos. Construíam também varandas que serviam como locais de lazer e integravam o jardim às residências, pela interpenetração casa-jardim verificadas nos muros revestidos com trepadeiras e nas paredes pintadas com paisagens, uma técnica conhecida como *trompe l'oeil* (engana-olho, em francês).



**Figura 16:** *Trompe l'oeil* (Fonte: Imperivm Romanvm)

Havia profusão de elementos decorativos, como estátuas, pérgulas, balaústres e espelhos d'água (lagos com fundo escuro para causar efeito de espelho). As plantas, em maciços, eram cultivadas em canteiros elevados.

A arte topiaria surgiu nos jardins romanos. Nos primeiros textos em latim, o jardineiro era denominado *topiarius*, ou seja, paisagista, e seu ofício era

chamado de arte topiaria, palavra que os historiadores modernos restringiram para designar a poda pitoresca de arbustos. Na verdade, essa poda foi inventada e praticada pelos jardineiros romanos para substituir e popularizar o uso das estátuas, mas era somente um dos procedimentos da arte topiaria da época. Para essa arte, os romanos utilizavam ciprestes, buxos e loro-anão.

Como características desses jardins, podem-se ressaltar a grandiosidade e a magnificência da composição paisagística, as perspectivas vastas, a decoração pomposa, a vegetação suntuosa e a valorização para fins exclusivamente recreativos. As plantas, a água e o solo se tornaram suporte de composição plástica.

As plantas mais utilizadas nos jardins romanos eram: coníferas, plátanos e frutíferas, como amendoeira, pessegueiro, macieira e videira. A maioria possuía hortas, e os canteiros eram plantados como bordaduras.

- Villa Adriana

O esplendor das vilas romanas era registrado na Villa Adriana, construída em Tívoli, que perdurou até antes da Segunda Guerra Mundial, em 1939, onde se tem o exemplo máximo de Topia, jardim concebido como um lugar imaginário. Esse jardim era uma reconstrução de monumentos e construções admirados pelo imperador nas viagens que realizava pelo seu império. Assim como em diversos outros jardins romanos, na Villa Adriana se exploravam as perspectivas naturais da paisagem, como os vales, que eram vistos dos terraços, e as construções que eram abrigadas em pequenas grutas.

Essas vilas deram um impulso definitivo para o grande estilo italiano. O jardim romano pode ser considerado uma síntese original destinada a exercer uma influência durável sobre a arte e a civilização ocidentais.



**Figura 17:** Villa Adriana (Fonte: Roma with Marco e Planet Ware)

## Jardins da Idade Média

O início da Idade Média, ou idade das trevas, teve como marco a queda do Império Romano do Oriente, concretizado pela tomada da cidade de Constantinopla pelos turcos otomanos, no ano de 1453. Porém, desde 476 d.C., quando os bárbaros do Norte conquistaram Roma, o clima de terror tomou conta do Ocidente, fazendo com que a população buscasse refúgio e proteção ao redor das grandes fortalezas dos senhores feudais.

Devido aos constantes ataques e invasões, todo o patrimônio intelectual da antiguidade ficou ameaçado e correu risco de desaparecer, juntamente com toda civilização desenvolvida na época da antiguidade clássica. As guerras devastaram as cidades, gerando um período de decadência da estrutura civil e da cultura, no qual a dificuldade de comunicação e as incertezas a respeito do futuro reduziram os interesses da população ao restrito círculo das imediatas necessidades materiais com retorno à economia rural e à simplicidade.

Mas onde a arte e a ciência não tiveram a força de impor-se aos bárbaros, a palavra do Evangelho conseguiu despertar-lhes os ânimos para novos sentimentos e criar, por meio da fé, um vínculo comum a vencedores e vencidos. No entanto, a pouca ciência que restou permaneceu retida nos mosteiros, onde a arte e a ciência eram cultivadas naquela época, embora em menor intensidade.

A insegurança reinante nos primeiros séculos da Idade Média refletiu-se na arquitetura, com construções pesadas, de paredes grossas e rudes e com poucas janelas, caracterizando o estilo românico. As igrejas, dotadas de elementos próprios para sua defesa, assemelhavam-se a verdadeiras fortalezas. Séculos mais tarde, como reação natural às formas pesadas do estilo românico, surgiu o estilo gótico, com construções mais leves, de paredes finas e muitas janelas com vitrais e, através de inúmeras miniaturas e painéis, retratavam com bastante fidelidade o que foram os jardins medievais.

A necessidade de autoabastecimento obrigava o cultivo de plantas diversas, o que levou para o interior dos mosteiros, igrejas e castelos fortificados, os conhecimentos e as práticas relativas à arte dos jardins. A falta de comunicação com o mundo externo às muralhas, somada ao medo de ataques, deu suporte a credices e lendas acerca da natureza. Mitos e histórias de que as florestas densas eram habitadas por bruxas, espíritos malignos, demônios e dragões tiveram origem na Idade Média. Desse modo, a vegetação, quando presente nas comunidades, era organizada de forma clara e limpa, evitando-se o ambiente sombrio proporcionado pelo adensamento de árvores.

Assim, a concepção da arte dos jardins foi alterada na Idade Média, apresentando novas formas que se adequavam à nova cultura estabelecida naquela época. Essas formas - embora variáveis devido às circunstâncias do momento e da região da Europa em que se desenvolveram - se constituíram da mistura desordenada e fragmentada dos estilos anteriores. No entanto, o traçado em forma de cruz e a presença de uma fonte em formato de pia batismal ao centro são características comuns entre as composições desses jardins.

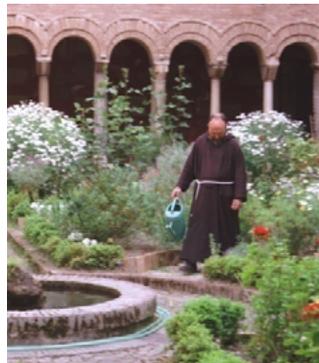
Na Idade Média, foram desenvolvidos três tipos de jardins: o jardim dos prazeres, a horta utilitária e o jardim de plantas medicinais. Embora não havendo distinção muito clara entre eles, um era destinado ao deleite dos usuários, enquanto os outros tinham caráter utilitário, mas todos eram cultivados em recintos fechados, planos e protegidos por muros revestidos de trepadeiras.



**Figura 18:** Representações em pinturas de jardins na Idade Média. Autores desconhecidos (Fonte: Fazendo arte na Fazenda e The Mary Page)

Nos jardins dos padres e domésticos, eram cultivados frutas e vegetais que atendessem às necessidades básicas do sustento diário da comunidade, e as flores, em menor proporção, eram destinadas à ornamentação dos altares. Nos mosteiros, os monges, em busca da purificação da alma pelo trabalho com a terra e incentivados pelo paraíso bíblico, cultivavam plantas medicinais para fabricação de perfumes, cosméticos e como pesquisa para tratamento e cura de doenças. Graças a isso, obteve-se um grande progresso na medicina da época. Também era comum a presença de um tanque para criação de peixes nos mosteiros.

As plantas eram cultivadas em canteiros, divididos por caminhos retos cobertos por pérgolas e nichos contendo símbolos religiosos. Podia haver treliças e cercas recobertas por rosas ou romãs. Os assentos, quando presentes, eram rústicos, feitos com troncos.



**Figura 19:** Jardins em mosteiros medievais (Fonte: Gardenvisit.com)

O emprego da flora regional na decoração das construções em estilo gótico no final da Idade Média estimulou o desenvolvimento da Botânica. Deste interesse pela pesquisa envolvendo as plantas, começaram a surgir os primeiros Jardins Botânicos, em um período de transição entre a Idade Média e o Renascimento.

Os jardins representados pelas artes da Idade Média podiam ter dimensões simbólicas e espirituais. O Hortus conclusus, ou jardim fechado, era uma área sagrada que representava a alma cristã, encerrada em um corpo, ou a igreja, formada pelo corpo e pela fé. Também representava a imagem da Virgem Maria, identificada no livro de Cânticos dos Cânticos no Antigo Testamento. No século XV, era comum a representação em pintura da Virgem Maria em um jardim do paraíso. Nessas imagens, as flores tinham significado simbólico, representando as virtudes de Maria.

Os labirintos apareceram nos jardins como tema religioso, simbolizando a

morada de Dédalo, um monstro infernal que atacava viajantes desavisados. O sentido era a busca da introspecção.

A pobreza de imagens de jardins da Idade Média pode ser atribuída à falta de técnicas de representação, como a perspectiva. No entanto, na literatura medieval, existem descrições de jardins utópicos, locais ideais imaginados pelos escritores, que eram cenários de suas aventuras e romances.



**Figura 20:** Representação de jardim literário na Idade Média (Fonte: *O Romance da Rosa* – Guillaume de Lorris)

## Referências bibliográficas

BOULTS, E.; SULLIVAN, C. Illustrated history of landscape design. New Jersey: John Wiley & Sons, 2010. 260p. il.

DEMATTÊ, M. E. S. P. Princípios de paisagismo. São Paulo: Funep, 1999. 101p. il.

PAIVA, P.D.O. Paisagismo: conceitos e aplicações. Lavras: Editora UFLA, 2008. 608p.

SANTOS, M. C.dos, Manual de jardinagem e paisagismo. Editora Freitas Barros, 1978. 455p.

VAN ZUYLEN, G. Tous les jardins du monde. Gallimand, 1994. 176p.

VIEIRA, M.E.M. O jardim e a paisagem. São Paulo: Annablume, 2007. 254p. il.

Ancient Egypt: House and gardens. Disponível em: <<http://www.reshafim.org.il/ad/egypt/timelines/topics/housing.htm>> Acesso em 21/10/2011.

Ancient Egyptian Gardens and living: Ancient Egyptian gardens. Disponível em: <<http://oaks.nvg.org/sa5ra5.html>> Acesso em 21/10/2011.

Ancient Greek Thesaurus: Organization of Neolithic settlements: house construction. Disponível em: <<http://www.greek-thesaurus.gr/neolithic-settlements-organization.html>> Acesso em 05/10/2011.

Ancient Mesopotamians.com: Ancient Mesopotamia Babylon City State. Disponível em: <<http://www.ancientmesopotamians.com/ancient-mesopotamia-babylon.html>> Acesso em 20/08/2011.

Architecture Student Chronicles: Evolution of Persian gardening style – The paradise gardens. Disponível em: <<http://www.architecture-student.com/landscape/evolution-of-persian-gardening-style-the-paradise-gardens/>> Acesso em 02/11/2011.

Ateliê da História: Modos de vida no paleolítico e no neolítico. Disponível em: <<http://ateliêdehistoria.blogspot.com/2010/03/pre-historia-paleolitico-e-neolitico.html>> Acesso em 03/09/2011.

BARCELOS, D. C. Jardim de Flores: Uma viagem pela história dos jardins. Disponível em: <<http://www.jardimdeflores.com.br/PAISAGISMO/A05daniel.htm>> Acesso em 30/08/2011.

Blog Turma do Amanhã: Paleolítico (Pedra lascada) Disponível em: <<http://turmadoamanha.wordpress.com/tag/paleolitico-pedra-lascada/>> Acesso em 02/09/2011.

COELHO, A. B. Infohabitar: Sobre os jardins e o habitar. Disponível em: <<http://infohabitar.blogspot.com/2008/05/sobre-os-jardins-e-o-habitar-i-artigo.html>> Acesso em 14/12/2011.

DUNN, J. Tour Egypt: The gardens and pounds of ancient Egypt. Disponível em: <[www.touregypt.net/featurestories/gardens.htm](http://www.touregypt.net/featurestories/gardens.htm)> Acesso em 20/10/2011.

Garden History. Disponível em: <<http://www.gardenhistoryinfo.com>> Acesso em 14/12/2011

HAKIMIAN, F.J. Garden design Indo-persian carpet. Disponível em: <<http://www.fjhakimian.com/antique/09038-1.htm>> Acesso em 01/11/2011.

Harault Paysagistes - L'annuaire des paysagistes: Entretien des espaces verts. Disponível em: <<http://www.herault-paysagiste.com/nos-services/entretien-regulier/>> Acesso em 02/12/2011.

HEISE, J. A. Medieval and Renaissance Gardens. Disponível em: <<http://www.gallowglass.org/jadwiga/herbs/medievalgardens.htm>> Acesso em 16/12/2011.

História de tudo: Paleolítico. Disponível em: <<http://www.historiadetudo.com/paleolitico.html>> Acesso em 02/09/2011.

The Garden and Landscape Guide: <[www.gardenvisit.com](http://www.gardenvisit.com)> Acesso em 05/01/2012.

Imperium Romanum: Il giardino romano. Disponível em: <<http://www.romanoimpero.com/2010/07/il-giardino-romano.html>> Acesso em 15/11/2011.

Jardin paysage – Le jardin des Jouet: <<http://thierry.jouet.free.fr/index.htm>> <<http://proteus.brown.edu/mesopotamianarchaeology/245>> Acesso em 25/09/2011.

KHANSARI, M.; MOGHADDER, M. R.; YAVARI, M. The Persian garden: echoes of paradise. Disponível em: <<http://www.iranian.com/History/Oct98/Garden/index.html>> Acesso em 02/11/2011.

MCKERROW, B. – Wayfarer: A Persian garden. Disponível em: <<http://bobmckerrow.blogspot.com/2007/12/persian-garden.html>> Acesso em 01/11/2011.

Museo della Civiltà Romana: Giardino romano. Disponível em: <[http://www.museociviltaromana.it/mostre\\_ed\\_eventi/eventi/giardino\\_romano](http://www.museociviltaromana.it/mostre_ed_eventi/eventi/giardino_romano)> Acesso em 05/11/2011.

O fascínio do Antigo Egito: Os jardins. Disponível em: <<http://www.fascinioegito.sh06.com/jardins.htm>> Acesso em 30/09/2011.

Planet Ware: Overview of Villa Adriana in Tivoli. Disponível em: <<http://www.planetware.com/picture/tivoli-villa-of-hadrian-i-ir1744.htm>> Acesso em 11/10/2011.

POLITA, F. S. Os jardins egípcios da antiguidade. <[http://www.escolaqualifica.com.br/artigo\\_egipcios.php](http://www.escolaqualifica.com.br/artigo_egipcios.php)> Acesso em 22/10/2011.

Portal São Francisco: Jardins suspensos da Babilônia. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/civilizacao-babilonica/jardins-suspensos-da-babilonia-2.php>> Acesso em 16/09/2011.

Pré-História: Curiosidades da Pré-história. Disponível em: <[http://prehistoriaunihenfil.blogspot.com/2008\\_02\\_01\\_archive.html](http://prehistoriaunihenfil.blogspot.com/2008_02_01_archive.html)> Acesso em 02/09/2011.

Site de curiosidades: Jardins suspensos da Babilônia. Disponível em: <<http://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/jardins-suspensos-da-babilonia.html>> Acesso em 15/09/2011.

Southern Meadows: The gardens of cloisters. Disponível em: <<http://gardeningsoul.blogspot.com/2010/10/gardens-of-cloisters.html>> Acesso em 14/12/2011.

Templo de Apolo: Civilização babilônica. Disponível em: <[http://www.biblioteca.templodeapolo.net/ver\\_imagens.asp?Cod\\_Imagem=802&Topo=](http://www.biblioteca.templodeapolo.net/ver_imagens.asp?Cod_Imagem=802&Topo=)> Acesso em 15/09/2011.

The Archeology: Thermae: os banhos da Roma antiga. Disponível em: <<http://thearcheology.wordpress.com/>> Acesso em 05/11/2011.

The Hanging Gardens of Babylon: <<http://hanginggardensofbabylon.org/hanginggardens.asp>> Acesso em: 15/09/2011.

TOLEDO, T. Fazendo arte na fazenda: Plantando sonhos. Disponível em: <<http://fazendoartenafazenda.blogspot.com/2009/07/plantando-sonhos.html>> Acesso em 14/12/2011.

Tours TV.com: Gardens of Villandry castle. Disponível em: <[http://tours-tv.com/en/gardens\\_villandry\\_castle](http://tours-tv.com/en/gardens_villandry_castle)> Acesso em 28/11/2011.

Vigini Studios: <<http://www.viginistudios.com/fauxstore/product.php?productid=14&cat=1&page=3>> Acesso em 10/10/2011.

Wikipedia – A enciclopédia livre. <[www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)> Acesso em: 15/10/2011.

Zecca, A.G. D. Estilos de Jardins. UFSM. <<http://www.cesnors.ufsm.br/professores/zecca/paisagismo-e-floricultura/UNIDADE%202.pdf>> Acesso em: 15/08/2011.